

Carlos Castán

MÁ LUZ

Tradução de Maria do Carmo Abreu

teorema

I

O MONSTRO

«O monstro era feito de medo.»

WILLIAM LINDSAY GRESHAM,

NIGHTMARE ALLEY

1

(morto por detrás destes olhos)

Tínhamo-nos mudado ambos para Saragoça havia pouco tempo, num intervalo de meses, primeiro Jacobo e depois eu, os dois recém-separados, ainda com a marca da aliança no dedo, esse anel de pele ligeiramente mais clara que funciona para o mundo como uma espécie de emblema da solidão acabada de estrear e moderadamente humilhante. Suponho que cada um de nós fugia de sua coisa. Ele com a intenção de iniciar uma etapa diferente devido à reforma antecipada, eu de certo modo seguindo os seus passos, não só pelo alívio que representava poder contar com a sua companhia de vez em quando, mas sobretudo seduzido pelo poderoso fascínio que sempre exerceram sobre mim os princípios, os cadernos em branco, o movimento de voltar atrás e recomeçar; qualquer situação que, de uma maneira ou de outra, possa relacionar-se na minha imaginação com navios a arder em baías remotas ou casas abandonadas sem pré-aviso nem razão, sem dar à chave as voltas necessárias, deixando sobre a mesa os pratos sujos do jantar da véspera. Gente, por exemplo, que sai da prisão ou do hospital ao fim de uma tortuosa cura de desintoxicação e, com a sua pouca tralha, aluga um quarto

num lugar desconhecido, longe de tudo o que havia antes, e coloca num copo sobre o lavatório uma escova de dentes, mete nas gavetas umas quantas mudas de roupa, talvez também um revólver ou o retrato de uma mulher que mal se sustém, e abre a janela para que o ar entre e comece o filme. E então veem-se os néones nas paredes da frente e o movimento de um bairro hostil por descobrir no qual será necessário ir assentando praça. Um concurso público no momento oportuno, a tomada de posse de um novo destino administrativo, pode oferecer qualquer coisa parecida com isto, a sensação de estar vivo contra todos os prognósticos, como um caderno em branco ainda com cheiro a tipografia, à espera de coisas e de tinta. E tudo isso apesar do cansaço e das velhas correntes que sem dúvida se arrastam ainda presas aos pés.

Quando Jacobo me contava os pormenores da sua mudança e descrevia os primeiros compassos do que parecia uma vida completamente nova, eu não conseguia deixar de sentir uma certa inveja, se quiser chamar os bois pelos nomes, porque, embora de forma intermitente, tendemos a achar, por instinto de sobrevivência, que ainda estamos a tempo de dotar os dias que nos faltam de algum sentido e de construir uma nova torre no meio do nada para continuar a viver: desejo, afinal, de outros cenários, de novos rostos, da ínfima possibilidade de nos perdermos por ruas que não sabemos onde desembocam no exacto instante em que começamos a percorrê-las ou de entrarmos para tomar uma bica em cafés onde nunca antes pusemos os pés, numa cidade, ao fim e ao cabo, com os seus submundos e as suas salas de cinema, a sua Fnac, as suas livrarias, as suas noites parecidas com noites de verdade. Tudo à escala, como um brinquedo, mas afinal de contas real e ao virar da esquina. Na pequena cidade onde

antes vivíamos (desde há quantos anos, e que longo cada um deles), a doce Província, era como se se tivesse adensado progressivamente, de há uns tempos àquela parte, a nuvem de aborrecimento que, por natureza, envolvia já as tardes a partir de certa hora e nos metia nos ossos essa humidade de vida já vivida, de tristeza entranhada e repetida, como um estranho orvalho vespertino, uma espécie de suor ao contrário que atravessasse, de fora para dentro, os poros de todas as paredes e de todas as coisas havidas e por haver e as deixasse embebidas de vazio e passado e de um cansaço antigo que nos obrigasse a passear meio curvados, a ler sem vontade, a fazer sestras eternas, tudo desde que não se visse de que forma lamentável agonizava o tempo sob essa má luz que se apoderava igualmente da rua e do interior das casas e dos bares.

Jacobo e eu tínhamo-nos conhecido alguns anos antes. Durante bastante tempo víamo-nos praticamente todos os dias, a típica cerveja a seguir ao trabalho, mais ou menos ritual, que se prolongava todas as tardes um pouco mais, às vezes até de madrugada. Essa descoberta recíproca começou por ser eufórica e vital. Não chegavam os dias para realizarmos todas as coisas que planeávamos fazer, e até faltavam horas da noite para as enumerar. Esse tipo de afinidade é, antes de mais, uma questão de foco, de maneira de ver o mundo: de repente descobrimos alguém que não só põe no mesmo ponto do espaço a fonte de luz, como a põe na direção exata para onde olhávamos. Muita gente decide sair do mundo desta ou daquela maneira, mas não é fácil que duas pessoas o façam ao mesmo tempo e pela mesma porta, passando a ver tudo do mesmo ângulo e à mesma distância. Quando se dá uma coincidência assim, é possível desprezar e admirar de forma harmónica tudo quanto o mundo circundante vai

fazendo desfilar diante dos nossos olhos, e rir das coisas, especialmente de assuntos meio sagrados para o resto dos mortais, temas intocáveis, questões delicadas que deixam de o ser de madrugada, como por artes mágicas e a partir de certa hora, entre o fumo dos bares em que entram e saem clientes aos tropeções com as suas histórias às costas, sombras com garbadas que se passeiam pelo nosso campo visual e pedem bebidas que bebem sozinhas enquanto a música as engole, personagens de um teatro demasiado pequeno para ser levado a sério. Jacobo gostava sobretudo de falar de mulheres, tanto das suas namoradas do passado – demasiadas para que a minha cansada memória retivesse a circunstância e o nome de cada uma com a precisão que ele teria gostado de encontrar num interlocutor, para não ter de andar a repetir sempre as mesmas explicações – como das suas conquistas extramatrimoniais mais recentes. A sua conversa fiada chegava a ser uma perturbadora confusão de meninas sonhadas e mulheres felinas, de façanhas mais ou menos reais misturadas com outras que não passavam da categoria da intenção ou do projeto ainda a amadurecer; um completo labirinto verbal de carne e fantasia em que eu me perdia facilmente entre tanto nome feminino que era mencionado, tanto bilhetezinho daqui para ali, tanta calcinha para cima e para baixo. Nunca, nem sequer no cinema, me pareceram as mulheres tão desejáveis como as contadas por Jacobo, nem tão perturbadoras as façanhas de amor como as que saíam da sua boca. Brilhavam-lhe os lábios ao rememorar alcovas e saias levantadas nos esconderijos mais precários, pés descalços fazendo as suas doces tarefas por baixo das mesas mais formais, umas vezes histórias antigas e outras de quatro dias antes, rendições e arrebatamentos, a candura e a fúria, o desmaio entre os seus braços

das que pareciam damas de lendas, transformadas de repente, como por efeito de um beijo mágico, em simples fêmeas, despenteadas e belíssimas, arquejantes e sujas. Ao princípio receava que, numa justa correspondência, esperasse de mim confissões semelhantes, com o mesmo grau de escabrosidade e pormenor, mas imediatamente se apercebeu de que eu estava longe de me sentir à vontade falando dessas coisas, nem mesmo em momentos como aqueles, quando os copos se esvaziavam num ápice e sabia que já todas dormiam.

Em contraste com essa espécie de festa perpétua, exatamente no reverso do conhaque e da música, estava também a que foi desde muito cedo a obsessão da sua vida: o horror aos campos de concentração alemães e seus derivados. O pai fora um sobrevivente do de Mauthausen e dedicara incansavelmente os anos que se seguiram à sua libertação a dar conferências e a proferir todo o tipo de palestras acerca da sua experiência, do dever de recordar e da estranha culpa que sentia por ter saído com vida de um inferno em que tantos sucumbiram. Como Primo Levi, apercebeu-se do cansaço que acabou por gerar na opinião pública um discurso mil vezes repetido, e comprovou como o mundo deixou de querer ouvir aquela descrição das atrocidades – fundamentalmente a partir da guerra do Vietname, que, como se se tratasse de uma nova e vigorosa moda, tornou obsoleto em meia dúzia de dias tudo o que se relacionava com a calamidade anterior. A imagem do horror passou a ser a do napalm que incendiava as selvas, e já não a dos cadáveres nus amontoados na neve. A Segunda Guerra Mundial passou a ser velha da noite para o dia, e com ela o assunto dos esqueletos andantes, dos carrinhos de mão cheios de peles e ossos com rosto, dos trabalhos forçados, dos fornos crematórios e

das câmaras de gás. E, também como Primo Levi, acabou os seus dias deixando-se cair pelo vão de uma escada, farto de salas vazias, de ouvidos moucos e dos ecos terríveis do seu próprio silêncio. O legado que Jacobo recebeu do pai foi, acima de tudo, a culpa. Dificilmente se podia perdoar por não o ter ouvido mais e melhor na altura certa, por se ter mostrado visivelmente aborrecido enquanto, desde criança, escutava aquelas histórias que costumavam acabar num pranto que lhe parecia tão patético como insuportável. Fartamo-nos sempre dos pesadelos dos outros e dos gritos no quarto ao lado pela madrugada, sejam de quem forem. Conseguimos ouvir durante um tempo, segurar na mão, esquecer as horas, oferecer um calmante, um copo de água; mas, se queremos realmente continuar a viver de verdade, não temos remédio senão acabar por colocar qualquer tipo de barreira a tudo isso, tapar os ouvidos e, seja como for, alhear-nos. Fugir dali, deixando a sós quem geme. É como abandonar um ferido na valeta quando o inimigo se aproxima a passos largos e não faz sentido correr o risco de ficar a contemplá-lo a esvaír-se em sangue. Só depois de o pai morrer Jacobo se interessou a sério pela história que contava aquele homem derrotado que chorava em todos os filmes, incluindo as comédias *screwball* mais divertidas, que se afundava no sofá, que ficava imóvel às vezes, fitando o vazio, com a colher de sopa parada a meio caminho entre o prato e a boca. Jacobo leu tudo a esse respeito, divulgou-o como pôde e tratou de tornar sua a visão do horror. Sentia que devia ao pai os pesadelos que vieram depois, a insónia, os medos, as sombras de verdugos rondando toda a noite quartos e corredores. Eu diria que chegou estranhamente a amar esse sofrimento herdado que, entre toneladas de horror, lhe devolvia qualquer coisa da ternura

do pai, um certo cheiro a lar, o perfume dos velhos castigos suportáveis e justos. Há quem preserve com todo o cuidado o relógio de bolso de um ente querido, um retrato, uma caneta antiga ou uma madeixa de cabelo à laia de relíquia: em vez disso, Jacobo tinha o medo. E tratava dele à sua maneira, alimentava-o com fotografias, recordações, livros. A princípio, quando me falava do assunto, eu ficava ligeiramente incomodado e tendia a baixar os olhos sem saber que atitude tomar, como quando em criança temos de dar os pêsames a um colega de turma que enterrou a mãe há dois dias. Perante a tragédia, nunca sabemos se é melhor o silêncio ou as palavras, abraçarmos alguém, oferecermos-lhe a nossa sanduíche ou simplesmente deixarmos-lo sozinho. No entanto, Jacobo, como se tivesse a lição bem estudada, fazia por não revestir o assunto de especial gravidade nas nossas conversas. Preferia destacar questões mais ou menos genéricas que também lhe interessavam, como as reacções das pessoas em situações limite, a sobrevivência, a resiliência, a intensidade do rancor. E era incrível a naturalidade com que desse tema passávamos a outro qualquer; sem nos darmos conta, já estávamos a falar outra vez dos pequenos mexericos do mundo à nossa volta, de música e mulheres, de viagens que faríamos um dia e de todos os cartuchos que havia por queimar.

Com tudo isso, acho que acabámos por não ser bons um para o outro. Sem querer, arrastávamo-nos mutuamente até aos nossos respetivos poços, atraídos como ímanes pelo negrume do outro e pela força das suas vertigens. Nunca soubemos ajudar-nos de verdade no que realmente importava, antes nos comportávamos como essas pessoas que, estando a afogar-se no mar, ao virem à tona se agarram aos seus salvadores de tal maneira, com braços e unhas, que acabam por

arrastá-los consigo para o fundo. Sem dizermos nada um ao outro, como por instinto, deixámos de ver-nos tão assiduamente e o tédio voltou a envolver tudo. Assim estavam as coisas nos meses antes de eu sair de casa e assim continuaram depois, na época do apartamento alugado à pressa, da solidão brutal, das persianas descidas e dos ferrolhos fechados dia e noite, como se valessem de muito essas cautelas e as sombras não conseguissem atravessar paredes e poros.

2

(a vida de então)

E mais ou menos assim era a vida de então, antes da mudança. Umás ruas geladas e desertas, um apartamento recém-alugado com os móveis de um estranho, o silêncio, as horas sob a lâmpada nua no teto da sala, a falta de sentido que parecia ir poisando nos objectos sem darmos por isso, lentamente, como uma camada de pó apoderando-se deles, envolvendo tudo numa espécie de gaze amarrotada e cinzenta. Assim eram nessa altura os dias da minha vida. As tardes em casa, angustiado. Sento-me às vezes à mesa diante de um prato, sem fome nenhuma. Sou mãe de mim mesmo, sou simultaneamente o rapaz que se vai abaixo e a voz que lhe diz que trate de se animar, que arrebite de vez, que tenha um pouco de cuidado consigo, que meta na boca, mesmo sem vontade, algumas colheradas de arroz, mais umas, vais ver como te faz bem, vou ver como me faz bem. Recordo o medo que eu era, feito carne, o feixe de nervos, e como reparava em mim mesmo mais ou menos como se nota um tremor, os movimentos bruscos de um coração esgotado que parecia mudar constantemente de posição no peito, sem conseguir encontrar o seu lugar. Vejo-me sentado na cadeira junto da porta de vidro que dá para a

varanda, com o casaco vestido e abotoado até ao pescoço. Não sei se não consigo ou se não me quero mover. É difícil sabê-lo, simplesmente não me movo. Assusta-me qualquer ruído vindo da rua ou da escada, o toque da campainha cada vez que nela carregam o carteiro ou os distribuidores de publicidade. E recordo o pavor de enlouquecer, de não saber regressar, e também algumas partes do discurso desconexo que desfiava na minha cabeça, salpicado de interferências e de latidos e de música aos gritos e de perguntas confusas: quem me levou, e para onde, que não me reconheço aqui, nesta voz que por momentos se põe a falar sozinha a meio da tarde, pronunciando nomes de pessoas que já partiram, nem na mão que traça quase sem se dar conta estes sinais de tinta alucinada (palavras na língua tão universal como confusa do tremor) que depois não se conseguem decifrar; nem me encontro também nestas pobres linhas que me procuram, que sobre as folhas de um caderno se perguntam nervosas por mim, pelo meu paradeiro, pelo que ando a fazer a estas horas e por que mundos de Deus, por que caminhos. E, embora saiba que sou ao mesmo tempo o prisioneiro evadido que corre sem descanso com os pés feridos e a quadrilha que, armada até aos dentes, procura cercar-me e me ataca a sua matilha, não reconheço como meus os passos que me buscam em hotéis húmidos, em portos, em ruas solitárias, em camas desfeitas, em bares recônditos (desses a que apenas se vai uma vez porque é impossível voltar a dar com eles, como se ficassem depois da nossa saída mergulhados numa neblina que não é deste mundo). Tão-pouco me revejo na angústia que me vai chamando porque se faz tarde e não apareço, e grita um nome que é o meu, ou pelo menos já foi. Repete-o cada vez mais alto, cada vez mais rasgada a garganta, até não ser mais do que um mero gemido percorrendo os caminhos do labirinto,

as margens do pântano, os bosques da noite: o pranto de um monstro que se recorda de mim.

Às vezes toca o telefone, não muitas. Um não atendo, simplesmente não sou capaz de responder. Falar parece-me um exercício tão impossível como inútil. Outras pego no aparelho, rogando intimamente que não seja nada, que se tenham enganado no número e, na realidade, ninguém me procure nem queira nada de mim. Tenho medo do que a voz, seja de quem for, me possa dizer do outro lado da linha, das coisas que mencione, das pessoas que nomeie e das recordações que todas essas palavras possam despertar. Tenho medo de que me façam chorar. Agora não há vozes amigas. Nem as há, nem as concebo. Não existe tal coisa de momento. Todas, de uma maneira ou de outra, estabelecem ligação direta com o mundo, com esse rumor nervoso e insuportável em que se transformou o mundo do outro lado da janela. De tanto em tanto tempo, debruço-me para olhar. Não costuma haver mais do que um vazio gelado pelo qual de vez em quando passa um carro. A tonalidade dos cinzentos vai mudando de acordo com a altura do dia. A pior é a que corresponde à hora em que a atividade parece ter terminado e, no entanto, ainda não é tarde. As lojas permanecem abertas, veem-se luzes acesas em algumas janelas, silhuetas de pessoas que começam a pôr a mesa, ouve-se o ruído de pratos e talheres; no passeio em frente, uma criança segue sozinha para casa, regressando de uma qualquer escola com a mochila às costas. Lá fora, onde agora se divisa apenas esta aguarela escura batida pelo vento, até há pouco estava a minha vida, uma vida de que escorreguei como um velho num carreiro coberto de gelo. Estou na casa da Caveira, não me lembro de quantas vezes tenho de ficar sem jogar.

Agarro-me às palavras, algumas ficaram presas em qualquer lugar do meu cérebro e, por mais que eu tente, não desaparecem. Penso na palavra *lar* enquanto a rádio dá notícias da onda de frio siberiano que penetrou no país durante a noite, dava eu voltas na cama à procura de posição para conciliar o sono: os portos de montanha fechados, as aulas suspensas em algumas cidades do norte por causa da neve, a sugestão de não utilizar o carro exceto em caso de extrema necessidade. Fico a pensar nessa expressão, «extrema necessidade», e quase choro outra vez. O lar é um menino de pijama que corre a desoras pelo corredor e também a voz que, da cozinha, lhe diz que não ande descalço, não se vá constipar, que acabe o copo de leite e se meta na cama de uma vez por todas. Uma cama com quatro cantinhos, um livro ilustrado na mesa de cabeceira. Extrema necessidade. De repente tenho medo da ternura que me traz uma imagem como essa. Pânico, na verdade, porque sei que, embora com toda a sua estúpida simplicidade, quando a ternura nos derrota o faz verdadeiramente: não sei que merda de fios move cá dentro a simples visão de um brinquedo abandonado a um canto, um lápis de cor que aparece de repente onde não devia estar, o cromo de um futebolista que ressurgue envolto em algodão ao varrer-se debaixo da cama. Não sei que incendiárias teclas toca tudo isso. Extrema necessidade: uma bochecha suave na hora de dar as boas-noites, o cheiro a framboesa do dentífrico infantil que envolvia esse beijo que já não existe. Durante um passeio, na mesa de novidades de uma livraria, detive-me num álbum que reunia grande parte da obra do fotógrafo Lewis Hine. Numa das páginas, aberta ao acaso, esperava-me uma imagem para a qual me encontrava indefeso nesse momento (acontece-me com frequência olhar para muitas

coisas que não devia): um menino, ardina nos anos da Grande Depressão americana, adormeceu, completamente esgotado, na escada de um edifício, sentado num dos degraus e com a cabeça apoiada na pilha de jornais por vender, que colocou dois degraus mais acima como almofada. Não há na imagem mais do que o drama de um garoto vencido pelo cansaço que se esconde dos olhos do patrão para recuperar as forças que esgotou gritando as notícias por aqueles bairros de passeios destruídos, nas paragens de autocarro e às portas dos prédios de escritórios. Não há na foto qualquer ferida nem rasto de choros ou torturas. Não foi preciso nada disso para que, naquele momento, ao contemplar aquele instantâneo, eu soubesse com toda a certeza que se, por acaso, aquele menino tivesse sido um dos meus filhos, não me teria sido possível dedicar nem um instante da minha vida futura a outra coisa que não fosse atirar pedras a vidros, pôr bombas à direita e à esquerda, assassinar chanceleres, incendiar palácios, até cair abatido pelo disparo certo de um atirador de elite barricado na porta aberta de um carro-patrolha. A conclusão desta mescla confusa de recordações e ideias, que atuam como se tivessem vida própria e poisam às vezes como corvos nos meus miolos, é que já não tenho as coisas pelas quais daria a minha vida. Ou perdi-as, ou perdi-me eu, mas a verdade é que estendo as mãos e não toco em nada.

Diz a rádio que o temporal que agora açoita as minhas vidraças atravessou Moscovo há uma vintena de horas. Chega a minha casa depois de deixar brancas as cúpulas do Kremlin e de cruzar uma Europa noturna e fumegante com milhões de caldeiras de aquecimento trabalhando a toda a força enquanto os homens dormem. Está um frio terrível nesta parte do planeta. Exceto sob o montão de mantas em que permaneço

quieto em posição fetal, tudo é noite e geada, blocos de gelo nos beirais, água gelada nos canos, cachorros congelados nas casotas. Tudo assobia, tudo ruge lá fora.

É quase impossível defendermo-nos da angústia quando temos por aliadas recordações em massa, não classificadas, como um monte de flechas disparadas em unísono sem fazer pontaria, a ver qual consegue atravessar carne lá ao longe, qual desfaz um nervo, qual rebenta um olho. Nos meus sonhos procuram-me exércitos de cães e lanternas, não param de gritar o meu nome, os meus apelidos, enquanto tremo agachado entre os arbustos, tentando conter a respiração, não mexer um músculo, não tossir. Acordo muitas vezes a meio da noite, nem sempre me recordando exatamente daquilo que estava a sonhar quando me sentei na cama de repente. Então, tenho de me levantar, acender a luz, lavar a cara. O coração continua a bater como um cavalo no peito. Só sabe trabalhar numa direção, coitado, e no seu empenho de remar sempre para a minha sobrevivência, independentemente de esta ser ou não razoável, transforma-se num aliado das tempestades. Bombeia sangue sem parar, não pode fazer outra coisa, manda-o para os vasos mais distantes, para as pontas dos dedos de mãos e pés, para o fremito dos miolos, e isso equivale a alimentar também o incansável fluxo de imagens na mente, palavras e fantasmas, recordações em matilha, os rostos daqueles de quem mais sinto a falta – alguns que já se foram do mundo para sempre e outros que oxalá o tivessem feito –, olhos que um dia me olharam com amor. De vez em quando há instantes de trégua, mas nada é tão frágil e esquivo como essa calma enganadora. Ocorrem-me às vezes possíveis abrigos contra o desassossego, esconderijos que, logo que os experimento, se revelam completamente inúteis. Em busca de refúgio, o instinto natural

faz com que me incline para os livros que noutro tempo, em quedas passadas, em derrotas já meio esquecidas, conseguiram devolver-me à vida. Mas agora a minha capacidade de concentração é quase nula. Não me serve, portanto, uma história completa em que mergulhar, visto que saio disparado de todas elas, queira ou não, mas um ambiente, um ar, uma prosa medianamente habitável, qualquer passagem isolada de um contexto que, por um instante, me possa criar a ilusão de que me liberto da amargura em que se me afundam os pés ao querer andar e, pelo menos em parte, consigo por uns instantes arrancar-me de mim. Persigo nas palavras uma familiaridade antiga, um ar caseiro, por assim dizer, uma calidez que, embora acabe sempre por revelar-se efémera e esquiva, consegue por momentos interromper o fogo provisório no meio da batalha interminável que os meus nervos travam contra si mesmos. Com o comando da televisão procuro canais que passem filmes clássicos ou, em todo o caso, que se tenham estreado em Espanha nos anos setenta, apenas para ouvir as vozes dos que faziam as dobragens nessa altura. Esse som é para mim especialmente enternecedor. Sejam quais forem as palavras que saírem daqueles lábios que nunca apareceram no ecrã e que agora devem estar mortos, devolvem-me a salinha da casa da avó, o chocolate antigo e a lata de leite condensado, os biscoitos tirados sem autorização de uma caixa de folha que havia no armário, a sonolência do domingo depois do jantar com o fantasma da segunda-feira espreitando já daí a umas horas de sono inquieto, um sofá de napa verde que se esfarela aos bocados e os tiroteios a preto e branco arrancando-me do mundo gloriosamente, os diálogos de amor, os arranha-céus, as loiras, as perseguições.

3

(voltar a casa)

Por esses dias deu-se o aparatoso acidente da mina chilena. Trinta e três trabalhadores ficaram presos a setecentos e vinte metros de profundidade. O mundo seguiu em direto e com o coração nas mãos aquela tragédia com que, durante setenta dias, abriram os telejornais em todo o planeta. E a imprensa escrita, e as estações de rádio. Não se falava praticamente de mais nada. Primeiro conseguiram abrir uma conduta para que as equipas encarregadas do resgate pudessem introduzir a partir do exterior os medicamentos e víveres considerados de maior urgência. E entraram também em comunicação direta e sem impedimentos com os prisioneiros, auscultaram o seu medo, divulgaram a sua esperança de sair dali com vida, os seus esboços de despedida nos momentos mais negros, as suas mensagens de amor, as suas ingênuas poesias, cheias de uma candura que, na sua simplicidade, angustiava: puro terror *naïf*. As pessoas interrogavam-se sobre o que poderia sentir alguém preso debaixo de uma encosta, com toneladas de terra em cima e sem nenhuma certeza de voltar a ver a luz do sol e tudo o que ela normalmente banha. Fomos conhecendo aos poucos os casos particulares, os nomes e as circunstâncias dos mineiros que tinham ficado encarcerados lá em baixo, quase

roçando o inferno. As imagens televisivas mostravam o desespero dos familiares que seguiam as operações o mais perto que lhes era permitido, dia e noite agarrados às cercas de arame que delimitavam o perímetro de segurança. Tanto cá fora como no interior da galeria derruída, o lema a que toda a gente se agarrava era «voltar a casa». Como os fuzileiros feridos nos hospitais de campanha do Vietname que, no seu delírio, sonhavam com as luzes das avenidas num sábado à noite, o cheiro a hambúrgueres, a música e o sexo. Voltar a casa.

Tinha a certeza de que, entre essa vasta trintena de homens, teria de haver pelo menos um que, depois das receções da praça diante das câmaras e das celebrações oficiais, uma vez livre da atenção de autoridades e enviados especiais, das felicitações, dos microfones amontoando-se diante da sua boca, regressaria a casa completamente só e nela encontraria cada objeto no exato lugar onde o deixara, um copo de água coberto de pó na mesa de cabeceira, precisamente no sítio onde o pusera; sobre a mesa da cozinha decerto um prato sujo por raspar, as sobras de um jantar com mais de dois meses agora invadidas por um batalhão de formigas. Tudo como ficara quando saíra para ir trabalhar naquela manhã, as persianas corridas até ao mesmo ponto, as portas entreabertas, a cama desfeita, uma toalha no chão da casa de banho. Não podia deixar de me identificar com esse mineiro que, de regresso, ao entrar pela porta, seria tragado pelo silêncio da sua própria casa, dois quartos desarumados na cidade de Copiapó, digamos. Perguntava-me em que teria ele pensado nesses dois longos meses enterrado lá em baixo, quando os outros falavam de voltar a casa, de jantares quase natalícios e do propósito coletivo de recuperar o tempo perdido se saíssem dali com vida, do que na verdade valia a pena, a feira, os cavalinhos, os domingos de piqueniques no

campo com a família, um bom churrasco, lavarem juntos o carro num regato; nada de pequeno nunca mais, nada de nada nunca mais, vestir apenas as crianças, levá-las a passear aos domingos no El Pretíl ou no parque Schneider, agradecer a Deus cada nova manhã, cada sopro de ar puro, e a luz, sobretudo a luz, desfrutar do pouco, do tanto. Talvez sonhasse que alguma antiga namorada tivesse sabido do desmoronamento e que ele se encontrava lá, ou que um velho amigo dos tempos da escola de que agora não se lembrava mas que sabia, ou então algum companheiro das farras de antigamente, estivesse à sua espera lá em cima, na superfície de oxigênio e estrelas com uma boa garrafa para celebrar. Mentiria contando aos companheiros de clausura que alguém o esperava, que não era de maneira nenhuma indiferente que vivesse ou morresse, que existia quem se interessasse pelo destino daquela carcaça seca, desnutrida, suja de terra e de pó de cobre. Eu pensava nele à noite, nesse irmão chileno. Apareceu-me em sonhos mais do que uma vez e filosofávamos timidamente com frases curtas e longos silêncios como fazem alguns homens sábios ao final do dia, junto ao fogo, depois de fecharem nos estábulos as suas reses. A vida dura enquanto alguém nos espera e o resto é já sobrevivência, dizia, embora sobreviver não deixe de ter também a sua piada e a sua beleza. Apesar de eu saber que a mina era de cobre, e não de carvão, ele aparecia-me sempre com a cara enegrecida como a dos guerrilheiros que planeiam fazer uma emboscada na escuridão da selva. Também o imaginava sempre com as mãos sujas e as unhas negras. Não tenho a certeza de que tivesse razão o meu irmão chileno naquilo das esperas e da sobrevivência, mas cheguei a sentir algum afeto por aquela sombra carbonizada que fumava olhando para o chão e bebia mate amargo dentro dos meus sonhos.

Ao contrário do que costumava acontecer-me, essa aflição de então era uma mágoa que vinha praticamente sem palavras, uma dor nua que não encontrava os termos adequados, algo comparável a um rasgão animal com toda a sua incompreensão e o seu descomunal alarido, tal como um cão que acorda da anestesia sob cujo efeito acabam de extrair-lhe um rim à bruta. Na mente só os objetos a seco, estranhamente despidos, como se deles tivesse escorregado a pátina que têm de conotação ou memória, o tédio dos passantes do outro lado da janela. É uma dor líquida que vai invadindo a linguagem, que inunda o pensamento como uma onda suja, dissolve os conceitos, molha o nó de cabos e apodrece as ligações. Não poderá haver alívio até que as palavras voltem a respirar como antes e de novo avancem os sons e os signos de tinta recuperem parte do seu significado. Entardece. Não quero pensar nela. Algures agora mesmo se movem as suas mãos, os seus músculos faciais, os seus pés pequenos. Em qualquer lugar real, quero dizer, aí de fora, além de nestas pulsações doentias de onde nunca desaparecem. E em relação ao resto a lobotomia como objetivo supremo, a televisão, o telemóvel desligado e os ferrolhos fechados com raiva, com ruído, até alcançar o limite. Fechar-me com chave por dentro como nunca fizera em toda a minha vida. Se há algo dorido em mim é o cérebro. Peço que cessem as recordações, rogo inutilmente que se calem de uma vez todos esses latidos na cave. Mas é em vão. Imagino que seria possível acariciar um cérebro vivo, massajá-lo suavemente, retirá-lo do seu todo, quero dizer, tal como metaforicamente o conseguem fazer às vezes a música ou os sussurros, e vejo uma mão com as unhas pintadas que roça o meu cérebro enquanto eu permaneço de olhos fechados, imóvel como quando um estranho